
O PARAGUAI DE MEADOS DO SÉCULO XX E AS FERIDAS DA VIOLÊNCIA NA NARRATIVA CURTA DE AUGUSTO ROA BASTOS

Juliana Terra Morosino¹
João Luis Pereira Ourique²

Resumo: O presente artigo expõe uma leitura sobre o Paraguai marcado pela violência, e que representado pela literatura de Augusto Roa Bastos, mais especificamente na obra *El trueno entre las hojas* (1953) interroga o sistema político-social do país na tentativa de reagir contra o sistema autoritário de meados do século XX. Sustentado pela Teoria Crítica da Sociedade e pela Crítica Literária Latino-americana, apresenta um estudo sobre o sujeito paraguaio e a constituição de obras literárias que, compostas em meio à intensa repressão política, desobedecem ao discurso oficial, expressando um contexto totalitário visto e vivido pelo autor exilado.

Palavras-chave: Literatura; Paraguai; Autoritarismo; Augusto Roa Bastos

Resumen: Ese estudio expone una lectura sobre Paraguay herido por la violencia y que representado por la literatura de Augusto Roa Bastos, en específico en la obra *El trueno entre las hojas* (1953) cuestiona el sistema político-social del país con la intencionalidad de reaccionar en contra el sistema autoritario de alrededores del siglo XX. Sostenido por la Teoría Crítica de la Sociedad y por la Crítica Literaria Latino-americana, presenta un estudio acerca del sujeto paraguayo y la constitución de las obras literarias que, compuestas medio a fuerte represión política, desobedecen el discurso oficial expresando un contexto totalitario vivido y observado por el autor exilado.

Palabras-Claves: Literatura; Paraguay; Autoritarismo; Augusto Roa Bastos

Tengo que retroceder aún. Retroceder siempre. Toda huida es siempre una fuga hacia el pasado. El último refugio del perseguido es la lengua materna, el útero materno, la placenta inmemorial donde se nace y se muere. (ROA BASTOS, 1995, p. 73).³

¹ Mestranda em Literatura Comparada na UFPel. Profa. Substituta de Língua Espanhola na UFPel. Email: julianamorosino@gmail.com

² Prof. Dr. Adjunto em Estudos Literários na UFPel. Email: jl.ourique@yahoo.com.br

³ *Ainda preciso retroceder. Retroceder sempre. Toda fuga é sempre uma fuga em direção ao passado. O último refúgio do perseguido é a língua materna, o útero materno, a placenta imemorial onde se nasce e se morre.* (Tradução nossa).

E se nos descobríssemos em uma ilha sem mar? E se de repente conhecêssemos uma ilha solitária, já desprestigiada e distante de qualquer mirada? Quem seriam seus habitantes? Qual seria sua história? A curiosidade nem sempre foi e não costuma ser um termo contundente em se tratando de países desprivilegiados, especialmente quando o assunto é o Paraguai, que carrega consigo o fardo do pré-conceito e da rotulagem como país do contrabando, do tráfico de drogas, de armas – uma terra de ninguém. No Brasil, por exemplo, num contexto amplo, pouco se procura saber dessa nação vizinha; pouco se sabe de sua cultura, história e menos ainda de sua literatura, já que muitos desconhecem a literatura paraguaia e a arte paraguaia em geral.

Em meio à sufocante e arrebatadora trajetória histórica paraguaia, surge um nome que desprestigiadamente dá luz à arte literária produzida no Paraguai e para os paraguaios. Com ele, emergem textos que apresentam à nação uma representação de sua própria imagem, de seu próprio e dolorido “eu”. O primeiro livro publicado de Augusto Roa Bastos a ganhar destaque nacional e internacional, intitulado *El trueno entre las hojas* (1953)⁴, é composto por dezessete contos intensamente questionadores de uma realidade social e política vivida pela nação paraguaia. Nessa obra, encontram-se narrativas que delimitam cuidadosamente três espaços: o real autobiográfico, o ficcional e o real histórico-político. Os narradores, heterodiegéticos, transitam nesses espaços imperativamente, conhecendo-os e relatando-os de maneira minuciosa, apresentando uma cultura aguerrida e muito peculiar.

Longe de assemelhar-se a uma literatura panfletária devido a seu estilo visceral e comprometido com a crítica ao entorno político-social, a literatura robastiana se destaca também pela riqueza estética; ela delimita seu espaço no universo paraguaio e insere intensamente tal universo na narrativa com o intento de descobrir-se enquanto elemento de uma cultura corroída pelas pragas da história. O mundo do sujeito paraguaio, que é elemento crucial na narrativa de Roa Bastos, está inserido de fora para dentro na obra e por ela é constantemente atacado.

Vítima de repetidas tragédias históricas de repressão e derrubadas econômicas, o sujeito paraguaio perde o referencial ao olhar em direção ao passado, e não vê mais como e a quem buscar pelo progresso. Nessa constante busca pelo “não se sabe o quê”, o “eu paraguaio” procura sua identidade carregando consigo um sentimento de luto. E, sufocado pelo peso da história, sucumbe em direção ao mesmo abismo do qual por momentos tentou escapar. Exemplos disso são os finais dados aos contos escolhidos para análise nesse trabalho: todos os três, trágicos e angustiantes, caminhando em uma direção que, mesmo apontando para frente, dá de cara com o passado falido.

O Paraguai, sendo o único país latino-americano oficialmente bilíngue, é inserido na literatura robastiana também por meio dessa peculiaridade, concedida às vozes de inúmeras personagens de suas narrativas. São sujeitos paraguaios que mesclam a língua oficial castelhana com a língua guarani e apresentam a cor local de sua comunidade. Ángel Rama, em um de seus livros mais importantes para os estudos culturais e literários hispano-americanos, *Transculturación narrativa en América Latina* (2008), desenvolve uma análise

⁴ Cabe destacar que o conto “El trueno entre las hojas”, que leva o título da obra, ganhou uma produção cinematográfica argentina dirigida e encenada por Armando Bó, juntamente com a atriz Isabel Sarli.

bastante rica acerca da presença de línguas regionais nas obras literárias do continente. Diz Rama que:

En el caso de los escritores procedentes del regionalismo, colocados en trance de transculturación, el léxico, la prosodia y la morfosintaxis de la lengua regional, apareció como el campo predilecto para prolongar los conceptos de originalidad y representatividad, solucionando al mismo tiempo unitariamente, tal como recomendaba la norma modernizadora, la composición literaria. La que antes era lengua de los personajes populares y dentro del mismo texto, se oponía a la lengua del escritor o del narrador, invierte su posición jerárquica: en vez de excepción y de singularizar al personaje sometido al escudriñamiento del escritor, pasa a ser la voz que narra, abarca así la totalidad del texto y ocupa el puesto del narrador manifestando su visión del mundo. (RAMA, 2008, p. 50).

O bilinguismo é motivo de orgulho para o povo paraguaio, principalmente pelo fato de ser o guarani uma língua essencialmente indígena, no que essa afirmação de uma origem confere ao povo paraguaio uma identidade. Identidade que, embora esteja em constante transformação e mesmo refletida por meio de pedaços do espelho do passado, representa talvez o elemento mais evidente da resistência cultural de uma nação constantemente confrontada com os princípios do mundo pós-moderno neoliberal. O processo de transculturaçãõ enfatizado por Rama pode ser evidenciado na história paraguaia, não só no que se refere a questões linguísticas e identitárias, mas à submissão da própria narrativa da história, que toma posse do enunciado e desacomoda o discurso oficial. Assim afirma Raúl Antelo:

Por el contrario, el testimonio no es una forma sino una fuerza y el sujeto de ese tipo de relato es siempre alguien que asiste y es igualmente afectado por un proceso de subjetivación, alguien que atraviesa una experiencia del afuera y practica una transgresión a los valores consolidados, ya que el testimonio ocurre siempre en un peculiar no-lugar, el de la articulación del lenguaje.

El testimonio es entonces circular: es un acto de lenguaje y en esa medida está sujeto a todas las paradojas de la enunciación. Es el acto de un autor (auctor: el que encuentra, el que da fé) pero, en consecuencia, es doblemente un acto de potencia y de impotencia narrativas, ya que no se puede definir al sujeto del testimonio a partir de lo que observa (su vivencia enunciada), sino a partir de su puesta en relato (la enunciación misma del testimonio), lo que presupone siempre algo pre-existente a si mismo, un campo de fuerzas discursivas atravesado por lo fortuito (lo que puede no ser) pero también y sobretudo por la necesidad (lo que no puede no ser). (ANTELO, 2003, p. 5).

Por conseguinte, colocamos em evidência esse que é um dos mais importantes elementos da cultura paraguaia. Reafirmando a necessidade de valorizar o que restou de uma decepada nação e de encontrar sua identidade nacional, Roa Bastos destaca em toda sua obra a língua e a cultura guaranis, que permeiam a narrativa numa cadente fusão entre a

cultura imperialista e a cultura da terra. Por meio dessa língua, embora ela tenha sofrido inúmeras interferências tanto religiosas quanto políticas, Roa Bastos se vê livre para narrar e dar vida a seus personagens e dela faz uso com tremenda propriedade.

Assim como nos contos pertencentes ao seu primeiro livro publicado *El trueno entre las hojas* (1953) apresenta narrativas atormentadas pela guerra, pela violência e pelo medo, frutos do autoritarismo e do retrocesso vivido pela nação com a Guerra do Paraguai, também conhecida por Guerra da Tríplice Aliança, e com a Guerra do Chaco. Este estudo tentará revelar e compreender o sujeito paraguaio e de que forma os elementos culturais, históricos e políticos interferem ou contribuem na leitura e produção das narrativas ficcionais produzidas por Augusto Roa Bastos.

Exilado político, guerrilheiro em luta pela liberdade de seu povo, Roa Bastos é considerado o maior nome da literatura de seu país e um de seus principais defensores. Desde jovem acompanhou as ditaduras pelas quais passava o Paraguai e alistou-se como voluntário a fim de lutar pelo progresso do povo paraguaio. Uma de suas participações políticas ocorreu na Guerra do Chaco, aos quinze anos, quando atuou voluntariamente na enfermaria, ainda que intentasse estar na frente armada. Foi exilado por mais de três vezes, sendo acolhido por países como Argentina, Espanha e França. Nesses países, trabalhou como correspondente internacional para alguns jornais, lecionou em algumas universidades e iniciou sua trajetória como escritor. Seus escritos são inúmeros e nas mais diversas áreas acadêmicas e artísticas. Além de escrever romances, contos, poemas e ensaios, Roa Bastos compôs músicas, peças teatrais, roteiros cinematográficos, entre outros.

Crescido em um pequeno povoado, Roa Bastos foi um observador de seu entorno, das marcas de um histórico de exploração, sofrimento, conflitos bélicos e repressão, principalmente nos períodos que sucederam à Guerra do Paraguai. Esse foi o cenário para o desenvolvimento de seu raciocínio crítico sobre o regime totalitário de décadas e de suas indagações sobre o significado da liberdade para o povo paraguaio. Para Saguier, compreender a literatura de Roa Bastos e a importância dessa literatura para o seu país é compreender a “trajetória de uma literatura profundamente marcada pelo dramático signo da história”. (SAGUIER, 1976, p. 336).

Paraguai, essa “pequeña isla rodeada de tierra” (SAGUIER, 1976, p. 335), como a chamava Roa Bastos, que desde a colônia sofre em virtude da escassa densidade demográfica e da ausência de metais preciosos, ficou de fora das rotas principais das conquistas, sobretudo quando os europeus perceberam que não era possível chegar às ricas terras de ouro e prata devido ao temível e inabitável Chaco Boreal. Tal isolamento intensificou-se com os exílios que afastavam intelectuais e artistas do país, os mesmos que contribuíam na solidificação da cultura da nação e na transposição dessa cultura para além das fronteiras.

Com ideologia marcadamente reativa e marxista frente ao elevado grau de frustração com o sistema político-social nacional, Roa Bastos lança em suas obras intensas críticas aos governos ditatoriais. Dentre elas, destaca-se *Yo el Supremo*, publicado em 1974, em que refere-se diretamente ao ditador paraguaio do séc. XIX, Gaspar Francia⁵, quem, mesmo com projetos de independência nacional e identidade paraguaia, suprimiu toda e qualquer

⁵ Governou o Paraguai de 1814 a 1840.

liberdade do povo paraguaio de forma personalista e autocrática. Ainda que tratando do ditador do séc. XIX, Roa Bastos intencionava atingir e abalar as estruturas do então sistema repressor implementado pelo general Alfredo Stroessner⁶, alvo indireto das críticas do autor na referida obra e também nos contos que aqui serão analisados.

Fascista e evidentemente antidemocrático, Stroessner foi o segundo ditador na América Latina do séc. XX a permanecer por mais tempo no poder, totalizando 35 anos, atrás apenas do ditador cubano Fidel Castro. Simpático às ideologias nazistas, Stroessner deu asilo a nazistas como o Dr. Josef Mengele, por exemplo. Depois de ser derrubado por um golpe de Estado em 1989, o general foi expulso do país e procurou asilo no Brasil, onde permaneceu até a morte. Sobre ele, Roa Bastos fala em discurso por ocasião do recebimento do prêmio Cervantes, onde profere o seguinte argumento:

El Supremo Dictador de la República sólo deseó el poder absoluto y lo tuvo en sus manos sin dejar de ser también el hombre más pobre del mundo, puesto que su riqueza era de otra especie. Le bastó al déspota ilustrado que el país de cuya emancipación había sido el inspirador y ejecutor fuese el más independiente y autónomo en la América de su tiempo. Aquí comenzó la contradicción de lo absoluto en el espacio de la historia que es el reino por antonomasia de lo relativo: la libertad como producto del despotismo; la independencia de un país bajo el férreo aparato de una dictadura perpetua. (ROA BASTOS, 1989, p. 3).⁷

Nesse mesmo caminho, ao refletirmos sobre o sujeito autoritário, repressor e antidemocrático, inevitavelmente voltamos o olhar para a história política da América Latina, berço e local de identidade de vários povos. O pensador Theodor Adorno, alocado em outro contexto, porém com propósito semelhante, pôs-se a refletir sobre a personalidade do indivíduo que apresenta características tão marcantes como as do fascismo. Ele discute, juntamente com outros pensadores, “A personalidade Autoritária” (ADORNO, 1989, p. 3) e o surgimento do que ele chama de “homem autoritário”, o qual, ao ser contrastado com o velho estilo fanático, parece combinar as ideias e os modos de agir de uma sociedade industrializada com crenças irracionais e antirracionais.

Com a hipótese de que exista um caminho que “leve à educação saindo da estrada longa e muitas vezes sinuosa da pesquisa esmerada e da análise teórica”, e convicto de que a elucidação científica de um fenômeno como esse pode contribuir para melhorar “a atmosfera cultural da qual o ódio se alimenta” (ADORNO, 1989, p. 4), Adorno propõe desenvolver e promover o entendimento dos fatores sócio-psicológicos que tornam possível ao sujeito autoritário ameaçar o posto do indivíduo democrático. No caso de Adorno, sua preocupação principal é para com os fascistas, o que não impossibilita, no entanto, a relação de tal estudo com as personalidades autocráticas e autoritárias que estiveram por décadas em domínio do poder paraguaio e, como será visto no capítulo seguinte, também do peruano.

⁶ Governou o Paraguai de 1954 a 1989. Após a queda de Stroessner, foi instaurada a democracia no país.

⁷ Discurso de Augusto Roa Bastos na cerimônia de entrega do Prêmio Cervantes de Literatura no ano de 1989. Disponível em: <<http://biblio.uah.es/BUAH/Webcat/Cervantes/89RoaBastos.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

Adorno volta seu estudo para o antissemitismo e para os níveis mais elevados de comportamentos preconceituosos. Esses não são necessariamente o caso do ditador Stroessner, porém o aspecto essencialmente autoritário aproxima tais comportamentos a ponto de divergirem apenas em dois elementos: ideologia e contextualização histórica. Em se tratando de padrões de personalidade e da preocupação em compreender a estrutura fascista, para que, por fim, se possa combatê-la, Adorno afirma que:

nenhuma tendência político-social impõe uma ameaça maior a nossos valores e instituições do que o fascismo, e que o conhecimento das forças subjetivas que favorecem sua aceitação, derradeiramente, podem se mostrar úteis em seu combate. [...] Uma das maiores descobertas do presente estudo é que os indivíduos que revelam extrema suscetibilidade à propaganda fascista têm muito em comum. (ADORNO, 1989, p. 5).

Buscando compreender a estrutura da personalidade fascista para que então se possa atuar contra ela, as formulações de Adorno nos permitem que se aproxime a sua reflexão a um dos propósitos da literatura de Roa Bastos, a qual, dada a riqueza da arte literária, intencionava provocar tanto ao leitor paraguaio, muitas vezes passivo frente à própria realidade, quanto às autoridades nacionais. Vedada toda e qualquer forma de livre expressão no Paraguai, Bastos desenvolveu fora do país a maioria de suas narrativas carregadas de ideologia⁸, ideologias que, segundo Adorno, “dependem da necessidade de cada indivíduo e do grau em que estas necessidades estão sendo atendidas ou frustradas.” (ADORNO, 1989, p. 7).

Visto que Roa Bastos nasce e cresce em um país marcado pela frustração nos mais diversos níveis após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), sua ideologia o impulsiona a tratar a arte também como instrumento de desobediência ao sistema implementado. O autor via a arte como uma maneira de “crear una patria autenticamente libre y soberana; fundar y consolidar la auto determinación de su pueblo.” (ROA BASTOS, 1999, p. 8). No seu discurso de premiação do Prêmio Cervantes no ano de 1989, Roa Bastos diz que a literatura é capaz de ganhar batalhas contra as adversidades sem armas, fazendo uso somente das letras e do espírito, sem mais poderes do que a imaginação e a linguagem. A literatura não é, para ele, um mero e solitário passatempo para os que escrevem e para os que leem, separados e por vezes unidos por um livro; a literatura é um modo de influenciar na realidade e transformá-la. Roa Bastos foi um dos escritores latino-americanos que, como afirma Néstor Canclini, atuou como um peregrino “pensando à distância o lugar de origem”. (CANCLINI, 2008, p. 30).

Para Krynski (2005), Roa Bastos foi um homem que acima de tudo lutou pela liberdade de expressão de seus conterrâneos com muita valentia e soube, com suas palavras, “traduzir através da literatura a crueldade da história e da condição humana em uma forma

⁸ Não se pretende aqui desenvolver uma reflexão crítica acerca do conceito de ideologia, objeto de estudo de grandes pensadores como Bacon, Hobbes, Adorno, Bosi, entre outros. Ainda assim, tal conceito mantém válida sua eficácia interpretativa e será tratado aqui como um projeto de agir sobre a realidade vivida. Em Roa Bastos, o projeto de transformar a base pode ser identificado em suas obras e seus efeitos tendem a aflorar intrinsecamente na consciência do leitor e promover uma possível mudança.

que revolucionou o romance histórico e que colocou sua obra no topo da arte da narração” (KRYNSKI, 2005, p. 311). Frente a essa realidade e com base em sua experiência em meio à repressão de 1953 (ano em que foi preso político), Bastos escreve seu primeiro livro de contos, *El trueno entre las hojas*.

Considerando o exposto e refletindo sobre o sujeito paraguaio a partir de uma metáfora sobre a identidade paraguaia feita por Bartolomeu Melià (2001), a qual pareceu-nos bastante adequada para tratar de uma problemática inquietante, fazemos a seguinte indagação: se olharmos a identidade paraguaia como um espelho do passado, não estaria ele quebrado e a busca por juntar os cacos se tornaria uma tarefa difícil? A conjecturada homogeneização frente à mestiçagem do povo paraguaio, seu caráter solidário, valente, forte, principalmente em situações de calamidade e guerra, bem como a solidificação da língua guarani não seriam então os cacos dispersos, o que restou de um espelho quebrado por sua história dramática? Conforme Melià:

Efectivamente, buscar la identidad mediante una especie de excavación hacia las raíces profundas del ser nacional, sea tal vez un trabajo inútil. Ese espejo en el que reflejarme es más bien un espejismo inalcanzable, como oasis en el desierto. No hay espejo; y si lo hay, está hecho añicos, cada uno de los cuales remitiendo a figuras fragmentadas.

Si esto es así, lo más práctico sería abandonar el esquema de la identidad por nostalgia y por recuerdo de lo pasado y ponerlos en camino hacia una identidad en tránsito. (MELIÀ, 2001, p. 235-240).

Passa-se então a refletir sobre uma identidade em trânsito. Pergunta-se, no entanto: não seria da natureza humana estar sempre em trânsito, em transformação? Nossos modos mudam, nossos interesses mudam e com eles a história se faz; não somos mais o que éramos ontem, tampouco sabemos o que seremos no amanhã. Para transformar, sair do lugar, naturalmente olhamos para trás; é o passado que apontará qual o caminho se quer ou não seguir em direção ao futuro, e assim o presente se torna o trânsito.

Como olhar o espelho do passado para transformar o presente se daquele só restam pedaços? Essa busca por enxergar nesse espelho um “eu paraguaio” parece incessante e dolorosa, e é ela que percorre as obras de Roa Bastos: a complexidade de uma identidade esfacelada e em transformação. Frente a inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos, os quais segundo Saguier causaram um “esmagador sentimento de frustração coletiva” (SAGUIER, 1976, p. 337) e resultaram na construção da maior parte da literatura paraguaia escrita no exílio, escrita essa que traz consigo elementos impostos pelo temor. Dessa forma, Saguier assinala que principalmente quando se trata de literatura paraguaia, “uma obra representa não somente o que diz, mas também o que deixa de dizer” (SAGUIER, 1976, p. 339). Segundo o crítico, ler a primeira obra de Roa Bastos, *El trueno entre las hojas*, é apreciar até que ponto o poeta segue vivendo no contista, e a poesia submerge na prosa em um vínculo naturalmente dependente.

Há paginas inteiras em que se descobre uma cadência, uma cadência rítmica introduzida na prosa. Do ponto de vista expressivo, Roa Bastos apela neste livro ao uso de um expressionismo potente, conseguindo mediante profundas incisões, fortes traços e chocantes oposições sobre uma realidade cujos matizes oscilam entre o branco da inocência e o vermelho sangrento da violência. (SAGUIER, 1976, p. 338).

Em Roa Bastos, existe uma vontade de transformar a base. Sua visão de mundo pede uma mudança na base e converge com ela. Segundo Saguier, Roa Bastos

tem uma visão conflitiva frente às falhas de sua coletividade, desta forma trata-se de uma busca contra a podridão do meio e assim longe de cair numa caricatura limitativa, consegue um enfoque múltiplo e totalizador da realidade paraguaia. (SAGUIER, 1976, p. 339)

O conto “La excavación”, por exemplo, apresenta aspectos identitários e a recuperação ou ressignificação de uma memória histórica e cultural paraguaia, estremecida ao longo do tempo pelas tragédias históricas protagonizadas por esse povo. O narrador da obra, que age como alter ego do autor, invocando a presença testemunhal de Roa Bastos, narra através da ficção sua experiência na Guerra do Chaco e seu papel como *compilador*, conforme o autor preferia intitular-se:

Entre mis utopías de autor de obras de ficción, la del compilador como sustituto del autor ha sido una preocupación constante de mi actividad de artesano de la palabra escrita. [...] En el fondo no creo en la función creadora del artista. (ROA BASTOS, 1990, p. 14).

Em outra oportunidade, enfatizando a característica intertextual de sua obra, ele assevera que a *mímesis* é o que faz sua literatura: imita-se um mundo previamente vivido, lido, inerente ao homem. Assim ele diz: “Como principio general, diré que todo arte me parece obra de imitación. Aun los genios, cuando empiezan, lo hacen por medio de imitaciones, de mímesis.” (ROA BASTOS, 1986, p. 73). Assim, a distinção entre autor e compilador está para Roa Bastos da seguinte forma:

El compilador, en tanto artesano de las obras de ficción, actúa o finge actuar de manera distinta a la del autor. [...] El compilador se limita a reunir, coleccionar y acumular materias de otros textos, que a su vez fueron entresacados o variados de otros textos. Lo hace a sabiendas de que no “crea” *ex nihilo*, de que no saca algo de la nada. Trabaja las materias últimas de lo que ya está dado, hecho, dicho, vivido, escrito. Estas son sus materias primeras. Las recoge seleccionándolas, desde luego, de acuerdo con su personal visión de la vida y del mundo, con sus vivencias y experiencias, y las modela y transforma de acuerdo con su personal formación y gusto literario, con las diferencias, a veces abismales, que existen entre un escritor y otro. (ROA BASTOS, 1990, p. 15).

O compilador tem seu trabalho alicerçado na intertextualidade. A junção de fragmentos textuais anteriores à criação de um novo texto proporciona uma liberdade além das fronteiras. Essa é uma forma de resgatar a herança cultural do passado, pois Roa Bastos é compilador em duas direções: por um lado, devido a sua bagagem pessoal, intelectual, política e literária, atuando como compilador da memória cultural paraguaia; por outro, seu papel como “instrumentalizador” das palavras pela literatura faz dele um desmistificador da história paraguaia, uma vez que nas palavras emprega a sua ideologia, o seu posicionamento político e acima de tudo o caráter de desobediência ao discurso oficial. Por isso, Roa Bastos apresenta na ficção não somente aquilo que poderia ter acontecido (verossimilhança aristotélica), como também aquilo que aconteceu e foi omitido.

Antes de tudo, Roa Bastos é um revolucionário, um escritor engajado hispano-americano. Sua literatura instiga à reflexão de uma realidade pouco debatida, conhecida e questionada: a América Latina e seu contexto político-social. Ressalta-se, porém, que não é compromisso da obra de arte o engajamento na crítica social. Parafraseando Adorno (1991), quem buscar em toda obra de arte um espírito engajado ou que ela diga algo estará atendo contra a própria obra de arte; o engajamento, quando político, permanecerá multissignificativo até o momento em que se reduza a propaganda. Esse não é o propósito da obra de Roa Bastos, já que, distante da propaganda, o autor faz da estética literária a essência das significações do seu discurso e conserva na narrativa os elementos que levam o leitor à composição final da obra por meio da dialética entre a história e a ficção.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor et al. **The Authoritarian Personality**. Nova York: Harper, 1950.

_____. (1950). **Introdução à personalidade autoritária**. Trad. Francisco Rüdiger. 1989. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno24.htm>>. Acesso em: 18 maio 2013.

_____. Theodor W. Engagement. In: _____. **Notas sobre literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ANTELO, Raúl. Rama y la modernidad secuestrada. **Anais do Latin American Studies Association**, Dallas, Texas, mar. 2003, p. 1 - 13. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2003/AnteloRaul.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANCLINI, Néstor García. **Latino-americanos a procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

KRYSINSKI, Wladimir. Augusto Roa Bastos: retrato em perspectivas. **Revista USP**, São Paulo, set./nov. 2005.

MELIÀ, Bartomeu. Identidad paraguaya en movimiento. **Lit. lingüíst.** Santiago, nº 13, 2001. p. 235-240.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2ª ed. Buenos Aires: El Andariego, 2008.

ROA BASTOS, Augusto. Aventuras y desventuras del autor como compilador. **Revista Anthropos**. nº 115. Barcelona: Editorial Del Hombre, 1990. p. 13-16.

———. **Contravida**. Madrid: Alfaguara, 1995.

———. Discurso de recepción del Premio Cervantes. **Revista Anthropos**. nº 115. Barcelona: Editorial Del Hombre, 1989. p. 16-21.

———. Editorial. **Anthropos**, nº 187. Barcelona: Editorial Del Hombre, 1999. p. 8-9.

———. El arte de narrar en Augusto Roa Bastos. **Semana de Autor: Augusto Roa Bastos**. Madrid: Cultura Hispánica, 1986. p. 73-79.

———. **El trueno entre las hojas**. Buenos Aires: Ed. Losada, 1968.

SAGUIER, Ruben. **Augusto Roa Bastos e a Narrativa Atual**. Curitiba: Letras, 1976.